



## RESENHA

### O CHOQUE COMO FORMA DE NÃO PERDER A CONSCIÊNCIA

António José BORGES<sup>1</sup>

Flannery O'CONNOR, *Tudo o que sobe deve convergir* (Prefácio e tradução de Clara Pinto Correia), Lisboa, Cavalo de Ferro, 2006.

“Ao discutir a história tibetana com o Dalai Lama, comecei a pensar que as estruturas de crenças de todas as sociedades humanas são extremamente semelhantes. Apenas variam as crenças.”

(LAIRD, Thomas. In: *História do Tibete – Conversas com o Dalai Lama*. Trad. de Miguel Mata, revisão de Rui Lopo. Lisboa: Edições 70, 2006, p. 76)

Flannery O'Connor dispensa demoradas apresentações. É unanimemente reconhecida como um dos expoentes máximos das letras norte-americanas do século XX, como Whitman, Melville, Hemingway ou Faulkner, entre outros.

Autora de uma obra curta que consiste em trinta e dois contos por ela coligidos em dois volumes separados – *Um bom homem é sempre difícil de encontrar* e *Tudo o que sobe deve*

---

<sup>1</sup> Licenciado em Ensino de Português e Alemão, mestre em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas e doutorando em Estudos Portugueses, tem lecionado, sobretudo, Português e Literatura Portuguesa no ensino público e privado e é investigador no CLEPUL da Universidade de Lisboa, onde coordenou ciclos de conferências e dirige o "Dossier Escritor" da revista *Letras Com Vida*. Além de atividades como professor e pesquisador, é também escritor e tradutor. Endereço eletrônico: <[linkedin.com/in/antónio-josé-borges-17444bb4](https://www.linkedin.com/in/antónio-josé-borges-17444bb4)>.

*convergir*, publicado postumamente e que será aqui objeto de crítica –, dois romances (*Sangue sábio* e *The violent bear it away*), algumas críticas, comentários e cartas, foi, quanto a mim, uma exímia contista que deixa aquele que considero ser o melhor livro de contos que já li: *Tudo o que sobe deve convergir* – pela primeira vez traduzido em português.

Esta obra suscita o prazer da leitura porque nos contagia como um vício lento de virtuosismo que provoca vertigens, pela sua (relativamente aparente) dureza e violência, mas de uma violência que aspira, como pretendo afirmar no título, promover a lucidez.

Não é só pelo enredo ou na arquitetura narrativa que a construção da obra oferece imediatos patamares de acesso ao seu universo, é também nos detalhes, na descrição pormenorizada das atmosferas e na admirável capacidade de transportar o leitor para a imaginação das histórias, ainda que por vezes a mínima caracterização de elementos de uma personagem pareça enganosamente fechar as portas mais óbvias.

Um leitor atento percebe os mecanismos que o autor utilizou para que aquele entre e não se afaste da sua obra. São nove contos escritos ao longo de vários anos e sabe-se que O'Connor aperfeiçoava-os obsessivamente, pois cada conto daria um perfeito enredo numa série de televisão do género *Midsomer murders* ou *Maigret*, riquíssimas nos enredos, que certamente nos prenderia ao ecrã.

Para compreender esta obra é necessário encarar o esplendor bizarro, que mistura humor e sarcasmo, desta obra de face tão bela quanto grotesca. Para a abrir ao leitor, importa vincar que se trata de uma obra estruturada admiravelmente, em que o derradeiro conto, que transporta a ideia de convergência dramática presente no fim de cada história, justamente intitulado “Juízo final”, abraça e dá consistência ao título do livro e entronca no primeiro, que dá título ao livro, e dos mais desconcertantes: *Tudo o que sobe deve convergir*. Tematicamente equilibrado e assente em torno das relações humanas, da justiça e da igualdade e das consequências dos nossos atos e reviravoltas surpreendentes nos desenlaces que erradamente

adivinhamos, com um estilo de linguagem temperada com a mais elevada e forte firmeza literária, surpreende profundamente no enredo e sempre agarrando o leitor estilisticamente.

Não há esclarecimento absoluto possível sobre o que esta obra transmite, nem sequer é possível iluminá-la perante o leitor, pois ela termina, indubitavelmente, em cada consciência que deságua. Precisamente, o valor desta obra é que aprofunda, a cada conto, o olhar do leitor perante o livro, enriquecendo a visão do universo recriado em pura literatura que desconcerta e gera uma espécie de experiência surreal semelhante à ecologia humana que nos transforma para sempre.

São várias as questões que o livro coloca a quem o lê, destacando-se o tronco comum da tomada de consciência de certas personagens, cujo desenlace sempre surpreende, envoltos num pano onde está inscrito o destino incontornável a que nos conduz as decisões que tomamos e que ditam esse mesmo fado.

A resposta a estas questões é simples: não devemos perder a consciência. Porém, outras respostas principais são possíveis às interrogações que a obra coloca: só o respeito e a consideração pelo próximo nos pode conduzir à felicidade; a justiça não é um dever, é uma obrigação; e o racismo é ridículo e envergonha o ser humano.

Assim, nesta obra-prima do conto universal o choque surge como forma de ensinamento de que não devemos nunca perder a consciência, evitando que a fraqueza alimente a força para que a força esmague a fraqueza.

Em *Tudo o que sobre deve convergir*, de Flannery O'Connor, encontramos duzentas e sessenta páginas, sempre surpreendentes, de puro deleite literário e simultaneamente um banho de água gelada na nossa consciência. É para isto que a literatura serve: para nos surpreender, agarrar, motivar a imaginação honrando o mais completo e delirante dos seres vivos, aquele que é capaz de construir os mais belos edifícios e de ser ridiculamente ingrato e desconsiderar o seu mais próximo e o seu semelhante, esquecendo-se que no final tudo



converge na subida ao cume mais alto da vida que termina como a construímos, a bem ou a mal, mas sempre com um juízo final; nas circunstâncias desta obra, cada morte, fio condutor do final dos contos, na sua forma e motivação, é o culminar de uma ou mais vidas cheias de inconsciência e desconsideração, por um lado, e de revelação, por outro. Se Shakespeare nos diz quem somos e Beethoven nos pretende dizer quem poderíamos ser, esta é uma obra que se vai revelando e revela simplesmente e cruelmente o que poderíamos não ser.

Lisboa, 4 de outubro de 2020

---

*Envio: Outubro de 2020*  
*Aceite: Outubro de 2020*